

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 30

Nº 185

JULHO - AGOSTO
2012

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Calçada do Tojal, 95, s/c 1500-592 Lisboa Telefone : 217 647 441 *	Editorial	2
Director Responsável : Manuela Vasconcelos *	Palavras de Kardec	6
Tiragem : 150 exemplares	Espiritismo Retrospectivo	9
	Uma Mensagem	13
	Pensamento, vontade...	16
	Estrela do Ocidente (Poema)	22
	Esperança	23
	O Último texto de Solnado	25
	Páginas do Passado	27
	Momento de Luz	31

Distribuição Gratuita

*

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

*

*(Mantemos a ortografia anterior ao
último acordo ortográfico)*

EDITORIAL

No dia 17 de Junho passado, domingo, a nossa Casa comemorou mais um aniversário – o 31º. Quando pensamos o que trinta e um anos representam em trabalho, estudo, luta – quando se procura fazer sempre o melhor – e tudo isto a par da incompreensão daqueles que ‘comandados’ pelo Invisível procuraram num mesmo tempo anular tudo aquilo que fomos conseguindo de positivo –; quando pensamos nestes trinta e um anos, olhamos para trás e perguntamo-nos como foi possível chegarmos ao ‘aqui e agora’, mas logo a resposta nos surge, sem dúvidas de qualquer espécie: foi possível, pelo amparo e auxílio do Alto... e confiantes nesse mesmo auxílio, aqui estamos de “mangas arregaçadas” e preparados para continuarmos, enquanto Deus o queira!

E então, no dia 17, lá estivemos comemorando mais um aniversário, com o nosso orfeão que apresentou uns hinos novos; com o discurso da praxe, feito pela nossa Presidente; e com a apresentação de uma peça de teatro – uma mini peça de uma hora, a mostrar-nos como é que os obsessores agem, na perseguição que vão movendo aos seus inimigos encarnados .

No final, houve a confraternização da praxe, experimentando-se os petiscos que uns e outros se esmeraram em fazer para aprovação de todos.

Para o ano, se puder ser, haverá mais. Agora, e para conhecimento dos que não puderam estar presentes, as palavras

que a Irmã Manuela dirigiu a todos os presentes, que enchiam o salão:

“ Muita paz.

“ Nos anos anteriores temos feito uma ligeira análise ao ocorrido durante os meses que fomos vivendo, mas desta vez resolvemos agir de maneira diferente... o que tanto pode ser melhor como pior!

“ O que nos trouxe para o Centro Espírita?

“ Terá sido a insatisfação espiritual em que vivíamos? O querermos-nos sentir mais realizados espiritualmente?... ou o procurarmos uma resposta para algumas ou muitas das coisas que nos aconteciam, às vezes diariamente, sem que ninguém nos desse uma explicação plausível?... Terá sido o sofrimento, a dor... as doenças que sentíamos e os médicos afirmavam categoricamente que não tínhamos?

“ ... Ou, para além de tudo isto, terá sido, também, uma questão de fé? O sentirmos que as coisas não eram bem como nos eram apresentadas... que Deus era Pai e não um Senhor castigador, sentado num trono onde nos julgava e condenava os nossos actos... e que, seres espiritualmente eternos como todos somos, a morte detinha-se num qualquer cemitério enquanto o nosso EU imortal rumava para uma das muitas moradas da Casa do Pai – tal como Jesus nos ensinara?

“ Entre mil e uma afirmativas, mil e outras tantas verdades e as nossas contestações... onde encontrar o caminho que nos satisfizesse?

“ Foi assim que chegámos ao aqui, hoje e agora... cada um com o seu grau de perfeição e também de ignorância, procurando saber sempre um pouco mais Hoje, para que o Amanhã não nos colhesse de surpresa, colocados ante uma verdade que desconhecíamos!

“ E no ‘aqui’, referimos, então, o Centro Espírita e, como Centro, esta Casa – a nossa Casa!

“ Com a frequência assídua, fomos fazendo amigos, em laços que se foram estreitando sempre mais porque, para além de amigos somos todos irmãos espirituais: assim, ninguém estranha que nos tratemos uns aos outros por irmãos! É o reconhecimento daqueles outros laços que existem entre todos nós, surgidos pela Criação Divina que aconteceu com todos!

“ Esta Casa, com mais ou menos frequência, e através dos seus colaboradores, vai-nos esclarecendo dúvidas, apontando caminhos que dentro do livre arbítrio de cada um, se seguem ou não. Mas... seguir para quê? Porquê? Porque o caminho apontado orienta-nos para a Luz – não a que mensalmente pagamos à EDP mas aquela outra, que irradia do Senhor, a banhar-nos a todos e a ensinar-nos que cada um de nós terá – tem – também a sua luz própria, mais ou menos intensa, conforme nos formos burilando e lutando pelo nosso aperfeiçoamento.

“ A Vida é uma luta constante – não a luta em que nos empenhamos uns e outros por passar à frente, ainda que à custa do espezinhamento de quem caminha a nosso lado, mas a luta pelo nosso próprio bem, pela nossa melhoria, até atingirmos a meta em que alguém nos dirá: - Conseguiste! És um vencedor!

“ Nesse instante, com a euforia da vitória, com certeza que recordaremos as muitas quedas que demos, até nos conseguirmos manter mais firmes no caminho... olharemos para nós próprios procurando as marcas das feridas sangrentas que significaram o arrastar do nosso EU para uma outra vitória – esta bem mais pequenina mas que foi o princípio da vitória maior... Mas as marcas já não existem, da mesma maneira que desapareceram, igualmente, as cicatrizes que o Tempo – o grande mestre – foi desfazendo, conforme conseguíamos avançar, lentamente mas sempre mais, um passo e outro ainda!

“ Estamos aqui...

“ Se olharmos para trás, recuando cinco, dez, talvez vinte anos... será que aquela figura que lobrigamos ali atrás, somos nós

próprios? A diferença é grande e, afinal, a reforma íntima, por que tão pouco lutámos, acabou por existir sim!, e reconhecemo-la na diferença que apresentamos!

“ E se, num espaço de tempo tão curto, fomos capazes de tanto, o que teremos já conquistado nestes séculos da nossa existência?

“A alma dorme na pedra... sonha no vegetal, agita-se no animal, acorda no homem – lembrou-nos Léon Dénis. E já fomos pedra, vegetal, animal... Somos agora seres inteligentes, que já atravessaram a idade da pedra lascada... do ferro... homens da caverna... seres que talvez tenhamos pedido a morte do Cristo e a liberdade para Barrabás... mas que estamos aqui, hoje, lúcidos, felizes com as nossas conquistas e esperando ainda, de nós próprios, melhorar-nos até que o Senhor nos chame... Quando, não importa: o que importa é que estejamos preparados, que tenhamos sabido fazer da dor, do sofrimento, das lágrimas mais ou menos choradas, o nosso cajado para nos ajudar na caminhada – não para com elas nos revoltarmos!

“ Queremos ser vencedores, não vencidos!

“ Hoje, festejando mais um aniversário da nossa Casa, mostramos assim a nossa gratitude para com ela – que representa os Irmãos Maiores que nos assistem, ajudam, protegem, orientam... ouvem as nossas queixas de crianças crescidas para se rirem, talvez, das nossas infantilidades... Mas chegámos aqui – e isto para nós, colaboradores que somos de toda esta família que vive num e noutra lado da Vida, isto é o importante, porque fomos capazes de aprender uns com os outros... fomos capazes de rir das nossas tristezas e chorar de alegria, de cada vez que conquistámos mais uma pequenina vitória... educando-nos e educando o nosso pensamento para enfrentarmos melhor as adversidades que surjam ainda no nosso caminho!

“ Por vezes, paralisa-nos o cansaço... fala por nós a impaciência de não nos vermos crescer tanto como desejaríamos... mas sabemos que dia após dia, hora após hora, assim se vai delineando

e firmando a escultura do nosso próprio EU que não sabemos quando começámos mas a que daremos, um dia, o fim que todos almejamos...

“ Como o conseguir? É fácil: basta termos sempre presentes as palavras do Divino Amigo nos seus últimos dias entre os homens: *Amem-se, uns aos outros como Eu vos amei!* “

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

20 – Só o facto da possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis do mais alto valor; é todo um mundo novo que se nos revela e que assume tanto mais importância quanto mais atinge todos os homens, sem excepção. Com sua generalização, este conhecimento não pode deixar de causar uma profunda modificação nos costumes, no carácter, nos hábitos e nas crenças, que têm tão grande influência nas relações sociais. É uma revolução total que se opera nas ideias, revolução esta tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se acha circunscrita a um povo, a uma casta, mas atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

É com razão, portanto, que o Espiritismo é considerado como a terceira das grandes revelações. Vejamos em que se diferenciam essas revelações e por que laço elas se ligam umas às outras.

21 – Moisés, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas; ele promulgou a lei do Sinai e lançou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual esta fé primitiva, purificando-se, deveria um dia espalhar-se por toda a Terra.

22 – O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que não era senão transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, ajuntou a **revelação da vida futura**, da qual Moisés não havia falado, bem como das penas e recompensas que esperam o homem depois da morte.

23 – A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que ela é a fonte primitiva, a pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista inteiramente novo pelo qual ele faz encarar a Divindade. Não é mais o Deus terrível, zeloso e vingativo de Moisés, o Deus cruel e impiedoso que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e extermínio dos povos, sem exceção das mulheres, das crianças e dos velhos; que castiga aqueles que poupam as vítimas; não é mais o Deus injusto que pune um povo inteiro pela falta de seu chefe; que se vinga do culpado na pessoa do inocente; que fere os filhos pela falta dos pais; mas, sim, um Deus clemente, soberanamente bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e **dá a cada um segundo as suas obras**; não é mais o Deus de um único povo privilegiado, **o Deus dos exércitos**, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra os deuses dos outros povos, mas o Pai comum do género humano, que estende a

sua protecção sobre todos os seus filhos e os chama a si; não é mais o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é deste mundo; ela está no reino celestial; lá, onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”. Não é mais o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas, sim, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; retribuí o mal com o bem; não façais a outrem o que não quereis que vos façam”. Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as mais severas penas, a maneira pela qual quer ser adorado; que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que não se honra com a forma. Enfim, não é mais o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

(Continua)

ALLAN KARDEC

(In: A GÊNESE, 13ª ed. Lake, 1981, capítulo I)

“O que é Deus? Deus é a Inteligência Suprema, Causa Primária de todas as coisas. “ – O LIVRO DOS ESPÍRITOS, cap. I do Livro Primeiro.



ESPIRITISMO RETROSPECTIVO

*“O carácter essencial da revelação divina
É o da eterna verdade.” – Allan Kardec¹*

Ao brocado popular :”Não existe nada de novo sob o Sol”, podemos acrescentar “*apenas ignorávamos*”.

As Leis Divinas sempre existiram. Perde-se na noite dos tempos a existência dos mecanismos que fazem funcionar – harmoniosamente – o Universo.

Veza por outra, permite Deus (quando a Humanidade se encontra em condições e necessitada), a reencarnação de um Espírito de escol, para dar a sua parcela de colaboração a fim de faze-la avançar material ou moralmente.

Pergunta o Mestre Lionês: ² – Quem são esses homens de génio? Donde vieram? Que é feito deles?

Notemos que na sua maioria denotam, ao nascer, faculdades transcendentas e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a Vida?

A única solução possível e racional do problema está na preexistência da Alma e na pluralidade das Vidas.

Explica Kardec ³:

“Importante revelação se opera na época actual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do Mundo Espiritual. Não é novo, todavia, esse conhecimento; mas ficara como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das Leis que regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar.

O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitar, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação.

Por mais paradoxal que possa parecer, o Espiritismo é novidade mas não é novo. **Sempre existiu, apenas o ignorávamos.** Muito antes do seu aparecimento oficial, homens de alta inteligência dele tinham intuição. Se não empregaram a palavra “**Espiritismo**”, é porque esta ainda não existia, vez que ela se constitui um neologismo criado por Allan Kardec com o fito de evitar anfibologia.

Assim é que vemos Sócrates, há dois milénios e meio atrás, alinhar no bojo de suas elucubrações filosóficas, inúmeras noções de Espiritismo, o mesmo acontecendo vezes sem conto no decorrer de épocas diversas. Portanto, concluimos com muita facilidade que os factos já existiam. O que a Codificação Espírita fez foi só ordená-los e transformá-los dando-lhes uma conformação doutrinária.

Kardec publicou o seguinte artigo na “**Revue Spirite**” de Agosto/1868:

“A história do Espiritismo divide-se em dois períodos:

1º Período: Da origem do mundo até 1850 de nossa era.

2º Período: de 1850 até ao futuro infinito.

“Podem compreender-se sob o título geral de **Espiritismo Retrospectivo**, os pensamentos, as doutrinas, as crenças e todos os factos espíritas anteriores à Codificação, isto é, até o ano de 1850, data na qual começaram realmente as observações e os estudos sobre as espécies de fenómenos.

“Não foi senão em 1857 que tais observações foram coordenadas em corpo de doutrina metódica e filosófica, encerrando o período do Espiritismo Retrospectivo e iniciando o período do “**Moderno Espiritismo**”.

Na conclusão de ‘**O Livro dos Espíritos**’, Kardec fala que, na antiguidade, o Espiritismo era objecto de estudos misteriosos, somente para iniciados, que cuidadosamente os ocultavam do vulgo. Hoje, porém, para ninguém tem segredos. Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades; nada há nele de místico, nada de alegorias susceptíveis de falsas interpretações. Longe de se opor à difusão da luz, deseja-a para todo o mundo; não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê, facultando, portanto, a **fé raciocinada**, pois, apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada.

O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode inculcar-se como seu criador, pois tão antigo é ele quanto a Criação. Encontramo-lo por toda parte, em todas as religiões; mostra o que existe, coordena, porém não cria, por isso que suas bases são de todos os tempos e de todos os lugares.

Quem, pois, ousaria considerar-se bastante forte para abafá-lo com sarcasmos, ou ainda, com perseguições? Se o proscreverem de um lado, renascerá noutras partes, no próprio terreno donde o tenham banido, porque ele está na Natureza e ao homem não é dado aniquilar uma força da Natureza, nem opor veto aos decretos de Deus.

Entre os que compreendem o Espiritismo, surgem três efeitos imediatos:

- 1º - Desenvolvimento do sentimento religioso;
- 2º - Resignação nas vicissitudes da Vida;
- 3º - Estímulo da indulgência para com os defeitos alheios.”

Concluamos com Santo Agostinho, que diz⁴:

“Por bem largo tempo, os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de Deus, que foi sempre, por excelência pacífico e misericordioso...”

“O Espiritismo é o laço que um dia os unirá porque lhes mostrará onde está a Verdade, onde o erro. Durante muito tempo, porém, ainda haverá escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo.

“Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram os assassinios e a violência; jamais estimularam os ódios de partidos; nem a sede de riquezas e honras, nem a avidez dos bens da Terra.

“Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses os seus predilectos e predilectos de Jesus, porque seguem a estrada que este lhes indicou para chegarem até Ele.”

Esses são os resultados a que conduz o Espiritismo para os felizardos que o compreenderem e principalmente o praticarem.

- 1 – Kardec, A. in ‘A Génese’ – Capítulo I, item 10;
- 2 – Kardec, A. in ‘A Génese’ – Capítulo I, item 5;
- 3 – Kardec, A. in ‘A Génese’ – Capítulo I, itens 11 e seguintes;
- 4 – Kardec, A. in ‘O Livro dos Espíritos’ – Conclusão, item IX

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – MG – Brasil)



UMA MENSAGEM

Muita paz, meus queridos! Muita paz para todos!

Há tantos anos deixámos a Terra e ainda vibramos quando recordamos a alegria que sentimos na inauguração da nossa Casa, esta Casa que existe também deste lado da Vida, esta Casa que se foi edificando passo a passo, com lágrimas e risos, com dores e com preocupações, e sempre com sacrifícios. Cada um deles era como se assentasse uma pedrinha a ajudar a erguer aquela parede invisível, que fortalecia, protegia e chegou ao que é hoje.

Não é uma Casa perfeita, porque todos aqueles que têm ajudado à sua edificação não têm o curso de construtores e alguns, às vezes, falham. Mesmo assim, ela tem conseguido suportar tempestades, vendavais, alguns furacões – porque aquilo que a faz vibrar chama-se Amor, Amor Fraternal.

Então, hoje estamos aqui falando em nome daqueles companheiros – não todos, porque alguns não podem estar presentes – que a ajudaram a erguer. Estamos aqui para vos dizer que continuem. Não vale a pena olhar para trás. Não vale a pena fazer projectos à distância porque, conforme já verificaram, os projectos podem sair gorados e, no momento oportuno, que ainda está distante, o Senhor decidirá.

Até lá, estudem. Estudem muito. Nunca se cansem de estudar.

Até lá, trabalhem. O estudo e o trabalho têm de estar sempre caminhando a par.

Á, vivifiquem o Amor. É muito importante, porque quando o Amor é vivido com sinceridade, ele existe as 24 horas do dia e para além delas – existe sempre!

Quando o Amor existe ele – ah! Meus queridos – ele abafa e minimiza e acaba por matar todos aqueles sentimentos que, por vezes, nos prejudicam; sentimentos como o ciúme, a vaidade, o orgulho, a inveja – porque tudo isso existe ainda nos corações dos encarnados, mais o egoísmo que os acompanha a todos, combatidos pela reforma íntima de que tantas vezes ouvem falar, e falam para quem os escuta, e que se esquecem de pôr em prática.

Estamos aqui para vos dar o nosso abraço espiritual. Para vos dizer que, apesar das nossas tarefas deste lado, estamos convosco muitas vezes, reunidos com a mesma alegria que tínhamos aí, e na mesma intenção de continuar a tarefa, e de continuar sempre com mais Amor.

A nossa Casa, a nossa Casa, meus queridos, onde quer que nos encontremos, ela será sempre assim referida. A nossa Casa tem de

ser sempre aquele cantinho que foi edificado com Amor e que com Amor abre o seu caminho, onde quer que se encontre, porque só o Amor abre todas as portas.

Que o Senhor vos abençoe e fortaleça e que cada um de vós procure dignificar sempre a Casa onde um dia aportaram e que foi edificada por nós outros.

Que cada um saiba ser, como Ela, simples, humilde, fraterno, acolhedor.

Que cada um procure sempre o seu caminho, longe das tentações dos atalhos.

Que cada um continue a preocupar-se com todos aqueles que já partiram, mas precisam ainda de auxílio; que cada um continue, também, a assistir aqueles outros que estão para o fazer e que podem partir numa paz maior.

Somos, todos nós, trabalhadores desta Casa deste outro lado da Vida,

JOÃO MAGALHÃES
MARIA HENRIQUETA
FERNANDO
ROSA MARIA

E a mensagem da nossa ISABEL, que não pode estar presente;

RUI CARLOS
MARIA EVANGELINA

O nosso abraço para todos.
Muita paz nos vossos corações.

(Sentimos, ainda, presentes a MARIA RAQUEL DUARTE SANTOS, o ARTUR CRUZ e o JOSÉ FERNANDES PEREIRA, que foi dirigente da CEC – LM., e fundou a CEC, de Rio Tinto. A Adélia viu o irmão Izidoro Duarte Santos).

Esta mensagem foi recebida na reunião mediúnica do dia 14 de Junho: quando da inauguração da nossa Casa, a inauguração espiritual também aconteceu na 5ª feira anterior, com uma mensagem do Mentor do Centro, o Espírito Bezerra de Menezes.

Não tem havido o hábito de recebermos estes “ramalhetes” de flores, pelo que nos sentimos deveras felizes com o carinho em que o Alto nos envolveu.



PENSAMENTO, VONTADE, CRIAÇÕES MENTAIS

Para o estadunidense William James (1842-1910), médico e um dos fundadores da Psicologia moderna, conhecido filósofo do *pragmatismo* – doutrina ‘filosófica segundo a qual o significado de qualquer coisa deriva de suas consequências práticas’ -¹ o fluxo do pensamento caracteriza a consciência e a capacidade de pensar é inerente ao ser humano integral². Ainda segundo esse cientista, o homem não pensa de forma parcial, com o ego ou outra parte qualquer, mas como um ser inteiro, total.

“Incomodado com o materialismo e o determinismo vigentes no século XIX, James decidiu acreditar no livre-arbítrio por julga-

lo uma crença útil (...)”², estudando outros preceitos doutrinários apregoados pelas religiões, inclusive os da Doutrina Espírita. Em “(...)seus últimos anos, James se interessou pela possibilidade de validade do Espiritismo. Apesar das críticas que recebeu (...), ele acreditava que médiuns e espíritas deveriam ser investigados com abertura mental.”²

Com base nesse teor de ideias, significativo número de estudiosos, como médicos, psicólogos e educadores, percebeu que, sendo o pensamento humano um fluxo contínuo de ideias, é sensível às interferências da razão, das emoções, dos sentimentos e das paixões. Caracterizado como algo flexível, volátil e facilmente modificável, compreendeu-se também que o pensamento pode ser educado ou controlado pela vontade. Essa acção só é possível porque o pensamento é matéria: “(...) a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso mar de energia subtil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo”³, assevera André Luiz.

A vontade, entendida como a capacidade humana de querer, escolher, praticar ou deixar de praticar certos actos, exerce poderosa acção sobre o pensamento. “Em verdade, – pondera Emmanuel - ela (a vontade) não consegue impedir a reflexão mental, quando se trate da conexão entre os semelhantes, porque a sintonia constitui lei inderrogável, mas pode impor o jugo da disciplina sobre os elementos que administra, de modo a mante-los coesos na corrente do bem”⁴. Contudo, ainda que mergulhados no universo de ondas mentais, “encontraremos a matéria mental que nos é própria, em agitação constante, plasmando as criações temporárias, adstritas à nossa necessidade de progresso.”⁵

O pensamento e a vontade são, segundo o filósofo italiano espírita, Ernesto Bozzano (1862-1943), forças plásticas e organizadoras da Natureza,⁶ elaboradas pela mente do Espírito. Não é, portanto, uma função do cérebro,⁶ que apenas executa os comandos do Espírito. Sendo assim, “a vontade é a gerente esclarecida e vigilante, governando todos os sectores da acção mental”.⁷

Emmanuel ainda acrescenta:

O reflexo esboça a emotividade. A emotividade plasma a ideia. A ideia determina a atitude e a palavra que comandam as acções.

(...)

Ninguém pode ultrapassar de improviso os recursos da própria mente, muito além do círculo de trabalho em que estagia; contudo, assinalamos, todos nós, os reflexos uns dos outros, dentro da nossa relativa capacidade de assimilação.

Ninguém permanece fora do movimento de permuta incessante.

Respiramos no mundo das imagens que projectamos e recebemos. (...)

O reflexo mental mora no alicerce da vida.

*Refletem-se as criaturas, reciprocamente, na Criação que reflete os objectivos do Criador*⁸

O Espírito Francisco Dias da Cruz complementa, por sua vez:

*O pensamento é força que determina, estabelece, transforma, edifica, destrói e reconstrói. Nele, ao influxo divino, reside a génese de toda a Criação.*⁹

O fluxo contínuo das emanações mentais é alimentado pelos desejos e anseios do Espírito, plasmando-as como formas-

pensamentos, também denominadas criações mentais ou ideoplastias. Tais criações têm duração mais ou menos longa que, ao serem projectadas pela mente, são captadas por desencarnados ou encarnados, situados na mesma faixa de vibração. As formas-pensamento podem, inclusive, ser fotografadas por meio da fotografia escotográfica, termo proposto por Felícia Scatcherd no Primeiro Congresso Internacional de Pesquisas Psíquicas, realizado em Copenhague, no ano de 1921. A fotografia escotográfica, o mesmo que fotografia espírita ou transcendental, é a impressão no escuro, em oposição à fotografia propriamente dita, que é a impressão pela luz. São fotos de objectos invisíveis que, apesar de não impressionarem a nossa retina, deixam seus vestígios nas chapas fotográficas.¹⁰

O esquema que se segue sintetiza o assunto, até então analisado:

Significa dizer em outras palavras:

O sentimento inspira. O pensamento plasma. A palavra orienta. O acto realiza.¹¹

As criações mentais são classificadas em *involuntárias* (ou inconscientes) e *voluntárias* (conscientes). As primeiras reflectem as preocupações habituais, desejos, anseios e expectativas, oriundas do inconsciente, de acordo com a Psicologia. Por isso mesmo, tais ideoplastias são inconstantes, surgem e se desfazem alternadamente, gravitando ao redor de quem as elabora.

As segundas são criações fluídicas intencionais, direccionadas para um fim específico, desenvolvidas, em geral, segundo a sequência lógica: pensar/idear, querer/desejar, planejar/executar (pôr em prática). Esta forma voluntária de agir é muito utilizada por obsessores que, mantendo o obsidiado sob hipnose e envolvimento fluídico, alimentam-lhe a mente de formas-pensamentos, com o intuito de dominar.

Pelos princípios mentais que influenciam em todas as direcções, encontramos a telementação e a reflexão comandando todos os fenómenos de associação, desde o acasalamento dos insectos até à comunhão dos Espíritos superiores, cujo sistema de aglutinação nos é, por agora, defeso ao conhecimento.

Emitindo uma ideia, passamos a reflectir as que se lhe assemelham, ideia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la (...).

É nessa projecção de forças, a determinarem o compulsório intercâmbio com todas as mentes encarnadas e desencarnadas, que se nos movimenta o Espírito no mundo das formas-pensamentos, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo ou no-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha. (...)¹²

MARTA ANTUNES MOURA

Referências:

- 1 CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. P. 235.

- 2 GOODWIN, James C. *História da Psicologia Moderna*. Trad. Marta Rosas 4. Ed. São Paulo: Cultrix, 2010. Cap.6, p. 218.
- 3 XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*, pelo Espírito André Luiz. 26.ed. 4. Reimp. Rio de Janeiro. FEB, 2010. Cap. 4, it. Corpúsculos mentais, p. 49.
- 4 XAVIER, Francisco C. *Pensamento e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18.ed. 2. Reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010, Cap. 2, p. 15.
- 5 XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26.ed.4. reimp. Rio de Janeiro. FEB, 2010. Cap. 4, p. 47.
- 6 BOZZANO, Ernesto. *Pensamento e Vontade*. 8 ed. 2. Reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Lt. As forças ideoplásticas, p. 5.
- 7 XAVIER, Francisco C. *Pensamento e Vontade*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. Ed. 2. Reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010, Cap. 2. P. 13.
- 8 _____ . _____ . Cap. 1, p. 10-11.
- 9 _____ . *Instruções Psicofônicas*. Vários Espíritos. 9. ed. 4. Reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Cap. 19, p. 99
- 10 ESCOTOGRAFIA. Disponível em: 'http://oepnet.sites.uol.com.br/escotografia.htm'.
- 11 XAVIER, Francisco C. *Assim Vencerás*. Pelo Espírito Emmanuel. 7 ed. São Paulo: Editora André Luiz, 1978. Cap. 33, p.90.
- 12 XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. Ed. 4 reimp. Rio de Janeiro0: FEB, 2010, Cap. 4, it. Formas-pensamentos, p. 52.

(In: Revista Espirita REFORMADOR, da FEB, Junho/2012).

ESTRELA DO OCIDENTE

Por teus olhos acesos de inocência
Me vou guiando agora, que anoitece.
Rei Mago que procura e desconhece
O caminho, sigo aquele que adivinho
Anunciado
Nessa luz só de luz adivinhada,
Infância humana, humana madrugada.

Presépio é qualquer berço
Onde a nudez do mundo tem calor
E o amor
Recomeça.
Leva-me, pois, depressa,
Através do deserto desta vida,
À Belém prometida...
Ou és tu a promessa?

MIGUEL TORGA

(In: Poesia Completa, Vol. II).



ESPERANÇA

A **esperança** tem sido cantada em prosa e verso no curso do tempo, ora na expectativa de um bem que se deseje, ora sendo o objecto dessa expectativa, ora representando a segunda das três virtudes teologais, simbolizada por uma âncora, pela qual o cristão espera de Deus, com firme confiança, a graça durante a vida e o céu depois da morte.

Na visão espírita, **graça** não representa dom ou virtude especial concedida por Deus, muito menos milagre, mas resultado de esforços e conquistas, nesta existência ou no curso das várias reencarnações. Vejamos a respeito as questões 182, 289 e 399 de *O Livro dos Espíritos*.

Na visão espírita, **céu** não é uma região localizada e única. Representa, sim, formações geográficas e ambientais onde Espíritos formam agrupamentos felizes, vivendo em situação compatível com o seu estado mental e moral, seja em cidades espirituais de luz mais ou menos próximas da crosta terrestre, seja em **esferas** superiores, representando também, e por isso mesmo, a tranquilidade de consciência diante do dever rectamente cumprido, a harmonia interior, a predominância do lado espiritual em nosso ser, com fé em Deus e nos seus desígnios superiores.

A **esperança**, na visão espírita, é calcada numa fé raciocinada, portanto sem misticismo, pois não apenas crê, mas também entende. Dela resulta a certeza de um futuro melhor tanto para o nosso planeta quanto para a nossa Humanidade.

O espírita compreende que, com a publicação de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, por Kardec, Jesus nos conclama

novamente ao exercício da caridade, e ao fortalecimento da fé, para que, dessa forma, a **esperança** se apoie em sentimentos elevados, sendo, por isso mesmo, perseverante, não desanimando frente aos obstáculos, provas, desafios.

A **esperança** é alavanca para o reerguimento daquele que claudicou, no passado próximo ou remoto, por entender que Deus nos dá sempre novas oportunidades de avançar na senda do bem.

A **esperança** com a qual nossos pais acolheram nosso retorno ao plano material, deve estar em nosso coração no dia a dia da presente jornada reencarnatória, e presente em nosso âmagos quando se aproximar a hora da volta ao mundo espiritual, de onde viemos, à cidade espiritual que nos acompanha a trajetória, buscando ser merecedores dessa realidade.

Nesse sentido, o exercício, sempre, do combate à inveja, ao ciúme, à mágoa, ao ressentimento, à vingança, entre outros sentimentos que nos afastam dos mentores espirituais, bem como das suas instituições e inspirações, que nos alimentam o combustível da **esperança**.

Livros espíritas, levantando o véu, nos mostram como é o lado de lá, renovando nossas **esperanças**.

As bem-aventuranças proclamadas por Jesus, constantes dos capítulos VII e X da terceira obra da Codificação, representam um roteiro para investirmos na redobrada **esperança**.

Importa, também, incentivarmos a **esperança** no coração dos que se aproximam de nós, seja no âmbito da família, do trabalho, da casa espírita, entre outros, uma vez que isso está no contexto da caridade moral.

Admirar a natureza, que exprime a sabedoria e a bondade do Criador, acrescenta valores à nossa **esperança**: se o reino mineral, vegetal e animal recebem tanto do Seu Amor, que não dirá o hominal, ao qual pertencemos? A Doutrina Espírita nos ajuda a compreender a Lei do Progresso. A parte quarta de *O Livro dos Espíritos* nos fala das **esperanças** e das consolações, e o livro *O Céu e o Inferno* aprofunda a questão.

Na visão espírita, o homem, sabendo de onde vem, porque está na Terra, e para onde vai, tem sua **esperança** potencializada, porque ela é irmã da fé raciocinada.

A alegria interior é renovada sempre que a **esperança** se alia às boas obras.

(In: Revista Internacional de Espiritismo – RIE -, de S. Paulo, Brasil: artigo ‘Editorial’ publicado em Abril de 2012 e que nos foi enviado, gentilmente, pelo Irmão A. de Pina Gouveia).



O ÚLTIMO TEXTO DE SOLNADO

Alexandra Solnado descobriu um texto escrito pelo punho do pai e (ontem) resolveu afixá-lo à porta do palácio onde se realizou o velório. Quem o leu emocionou-se. O documento foi, depois, afixado no caixão de Raul Solnado. Leia-o na íntegra:

“Numa das últimas vezes que estive na Expo de Lisboa, descobri estranhamente uma pequena sala completamente despojada, apenas com meia dúzia de bancos corridos. Nada mais tinha. Não existia qualquer sinal religioso e por essa razão pensei que tinha descoberto que aquele espaço se tratava de um templo grandioso.

“Quase como um espanto, senti uma sensação que nunca sentira antes e, de repente, uma enorme vontade de rezar não sei a quê ou a quem. Fechei os olhos, apertei as mãos, entrelacei os dedos e comecei a sentir uma emoção rara, um silêncio absoluto e tudo o que pensava só podia ser trazido por um Deus que ali deveria viver e que me ia envolvendo no meu corpo amolecido. O meu pensamento aquietou-se naquele pasmo deslumbrante, naquela serenidade, naquela paz.

“Quando os meus olhos se abriram, aquele Meu Deus tinha desaparecido em qualquer canto que só ele conhece, um canto que nunca ninguém conheceu, e quando saí daquela porta, corri para a beira do Tejo para dar um berro de gratidão com a minha alma e sorri para o Universo.

“Aquela vírgula no tempo foi o mais belo minuto de silêncio que iluminou a minha vida, que me fez reencontrar, e que me deu a esperança de que num tempo que seja breve, me volte a acontecer.

“Que esse Deus assim queira.”

R. S.

(Texto publicado no jornal ‘24 horas’, de 10/8/2009, de onde o transcrevemos, com a devida vénia. Na altura, não achámos

oportuna a sua publicação pelo respeito que nos merecem todos os que partem e os seus familiares... e embora Raul, o artista, tenha sido de todos, quisemos silenciar. Esperamos que, na continuidade dos dias que se seguiram, ele tenha voltado a sentir ‘o abraço de Deus’ – mesmo porque, quando o Senhor sente que O queremos encontrar, Ele surge sempre no nosso caminho).



PÁGINAS DO PASSADO

DA IDÉIA DE DEUS

Nós somos os peregrinos do Absoluto, cativos do relativo, no âmbito estreito da nossa possibilidade dinamizada, porque temos em germen a eternidade de ser, para conceber e conhecer. Resume-se nisto a história do pensamento humano!

Quando, na nebulosa da consciência, após uma elaboração multi-milenária, as necessidades metafísicas despontaram, no horizonte da vida surgiu o primeiro homem. Para além dos dados da Arqueologia, temos apenas os elementos que nos fornece o estudo da anatomia comparada. A história da humanidade é muito recente e os subsídios da pré-história bem escassos são para se avaliar das concepções dos homens primitivos, cuja vida se devia reduzir quase exclusivamente à satisfação das necessidades físicas, como os animais, porque a evolução faz-se contínua mas lentamente através de gradações suaves. (As variações bruscas – heterogénese – que serviram de fundamento à *teoria das mutações* de De Vries, cujo principal precursor foi Korschinsky, não são mais do que descontinuidades aparentes, porque a periodicidade

sensorial impede o conhecimento das fases intermédias, e portanto a apreciação da continuidade real. A descontinuidade implicava a *não-existência nesse intervalo*). Foi assim que eles começaram por talhar a pedra para fabricar os utensílios indispensáveis aos seus costumes rudimentares. À idade paleolítica sucede a neolítica quando a pedra começa a ser polida, vindo depois a época dos metais.

Segundo os arqueólogos, os *selvagens* mais antigos, que deixaram vestígios em França e na Europa ocidental, serviam-se de utensílios e armas inteiramente semelhantes às que empregavam as tribos da Tasmânia, desaparecidas recentemente. Os negros da Austrália, que pertencem ainda à idade da pedra, bem como os de certas tribos da África central e os índios da América do Sul, constituindo as raças mais selvagens que actualmente existem, estão já muito longe desse passado distante e tenebroso onde não podemos remontar. Foi na idade da pedra que o homem aprendeu a produzir o fogo, e tão extraordinária se lhe apresentou esta manifestação de poder, que começou por lhe prestar culto. No ciclo primitivo da sua evolução intelectual, o homem não abrange mais que o sensível, nos acanhados limites do seu horizonte; e assim, depois de personificar as pedras e os astros, o fogo e a água, as plantas e os animais, na concepção *naturalista*, deifica os animais e é *totemista*, ou vê no objecto e nas coisas um poder oculto e misterioso e é *feiticista*.

Mais tarde, quer interpretar a *variedade* que os sentidos lhe revelam, porque não se satisfaz com a simples observação. A necessidade causal impõe-se-lhe com a clareza imperiosa de um axioma, e, não podendo conceber a Unidade maravilhosa, realizável apenas no campo do Ideal (como expressão sintética de todas as aparências) busca na variedade das causas a solução desse enigma – falsa solução que remove apenas as dificuldades, porque

o problema da variedade não se resolve partindo da variedade. (Os evolucionistas materialistas que consideram a variedade sensível, apenas como a resultante de condições diversas, também não resolvem o problema da variedade). Então, pluralizando os deuses, professa o *politeísmo*.

É o receio das forças que desconhece que as diviniza! É o mistério ocupando o lugar da divindade! Foi sempre assim: o homem confunde Deus com o mistério, porque o mede pela bitola da sua ignorância!

Um dia chegou, porém, que o selvagem, tendo já esboçado vagamente as primeiras concepções do *Belo*, decorando os utensílios de que fazia uso, com os ornamentos próprios da sua arte embrionária, procurou ele mesmo realizar a imagem dos seus deuses. Foi então que os deuses começaram a ser fabricados pelos homens!

Bem depressa esses deuses se hierarquizam, e, passando a constituir uma só família, o politeísmo vai caminhando gradualmente para o monoteísmo. O receio apavora e domina, e a própria adoração é feita de temor! A ignorância, sempre intolerante, gera a superstição e o fanatismo que navegam em caudais de sangue pelos séculos em fóra. Mas o homem vive na Terra, a mãe fecunda e amantíssima que lhe sustenta e abriga o corpo na vida e na morte! Então deifica a Natureza confundindo-a com Deus e é *panteísta-naturista*.

A concepção dualista de Deus é posterior. As sensações agradáveis ou desagradáveis, acordam nele o sentimento do Bem e do Mal, e as concepções do Belo procuram dar-lhe forma. São sentimentos grosseiros, dum utilitarismo puramente egoístico. Depois, começa a dominar os elementos e desabrocha nele a

consciência vaga da sua superioridade. Por isso cria Deus à sua *imagem e semelhança*, enfermando dos seus vícios e das suas paixões: - é o período do *antropomorfismo*. E se foi pelo estudo da Natureza, em que entrava uma grande parte de si próprio, que o homem atingiu a concepção de Deus, não admira essa ideia enferme dos vícios e paixões humanas, quando a inteligência não está desenvolvida a ponto de assimilar a noção dum limite inatingível.

.....

(In: O PROBLEMA DA SOBREVIVÊNCIA: excertos do capítulo V).

ANTÓNIO LOBO VILELA

1902 - 1966

(Licenciado em Ciências Matemáticas e Engenharia Geográfica, foi 2º Vice-Presidente da Federação Espírita Portuguesa de 1926 a 1929, tendo ainda desempenhado o cargo de Presidente em 1953, durante 3 meses, demitindo-se para não prejudicar a F.E.P. com a perseguição que a polícia do Governo de então lhe estava a fazer).



MOMENTO DE LUZ

Se você está feliz, ore sempre, rogando ao Senhor para que o equilíbrio esteja em seus passos.

Se você sofre, ore para que não lhe falte compreensão e paciência.

Se você está no caminho certo, ore para que não se desvie.

Se você está de espírito marginalizado, sob o risco de queda em despenhadeiros ou perigosos declives, ore para que o seu raciocínio retome a senda justa.

Se você está doente, ore a fim de que a saúde possível lhe seja restituída.

Se você tem o corpo robusto, ore para que as suas forças não se percam.

Se você está trabalhando, ore pedindo a Deus lhe conserve a existência no privilégio de servir.

Se você permanece ausente da actividade, ore, solicitando aos Mensageiros do Senhor lhe auxiliem a encontrar ou re4encontrar a felicidade da acção para o bem.

Se você já aprendeu a perdoar as ofensas, ore para que prossiga cultivando semelhante atitude.

Se você reprova ou condena alguém, ore rogando à Divina Providência lhe ajude a entender o que faríamos nós se estivéssemos no lugar de quem caiu ou de quem errou, de modo a aprendermos discernimento e tolerância.

Se você possui conhecimentos superiores, ore pare que não lhe falte a disposição de trabalhar, a fim de transmiti-los a outrem, sem qualquer ideia de superioridade, reconhecendo que a luz de sua inteligência vem de Deus que no-la concede para que venhamos a fazer o melhor de nosso tempo e de nossa vida, entregando-nos, porém, à responsabilidade de nossos próprios actos.

Se você ainda ignora as verdades da vida, ore para que o seu espírito consiga assimilar as lições que o Mais Alto lhe envia.

Ore sempre.

A oração é o momento de luz, nas obscuridades e provas do caminho de aperfeiçoamento em que ainda nos achamos, para o nosso encontro íntimo com o amparo de Deus.

ANDRÉ LUIZ

(In: MEDITAÇÕES DIÁRIAS, ED. Ide: psicografia de Francisco Cândido Xavier).



própria e alheia redenção. Deus não quer a morte do pecador e assim, facilita a todos a aquisição da luz para sair do lameiro.”

Certa vez, irritado, Tadeu clamou contra as próprias fraquezas, asseverando perante o Mestre 2: - *“Como ensinar a Verdade se ainda me sinto inclinado à mentira? Com que títulos*

transmitir o bem, quando ainda me reconheço arraigado ao mal? Como exaltar a espiritualidade divina, se a animalidade grita alto em minha natureza?”

Entendendo-lhe a mágoa, Jesus falou condescendente: “Um santo aprendiz da Lei, desses que se consagram fielmente à Verdade, chamado pelo Senhor aos trabalhos na Seara do Bem entre os homens, mantinha-se na profissão de mercador de remédios, e possuía um jumento para o transporte das mercadorias que vendia.

Reflectindo sobre seus defeitos, passou a entristecer-se profundamente, concluindo que não lhe cabia colaborar nas revelações do Céu, pelo estado de impureza íntima, e fez-se mudo. Atendia aos doentes, na parte material, porém, na parte espiritual recusava-se a instruir, não obstante as requisições do povo que há muito lhe conhecia os dotes de inteligência e inspiração.

Sentindo, porém, que a Celeste Vontade o constrangia ao desempenho da tarefa e reparando que os seus conflitos mentais se tornavam cada vez mais esmagadores, certa noite, depois de abundantes lágrimas, suplicou esclarecimento a Deus... Sonhou, então, que um anjo vinha encontrá-lo em suas lides de mercador. Viu-se cavalgando o voluntarioso jumento, vergado ao peso de preciosa carga, em verdejante caminho, quando o emissário divino o interpelou, com bondade, em seguida às saudações habituais:

- *“Meu amigo, sabes quantos coices desferiu hoje este animal?”*

- *“Muitíssimos – respondeu sem vacilação.*

- “*Quantas vezes terá mordido os companheiros de estrebaria?* – prosseguiu o enviado, sorridente – *Quantas vezes terá insultado o asseio de tua casa e orneado despropositadamente?*”

E porque o discípulo aturdido não conseguisse responder, de pronto, o anjo considerou: - “Entretanto, ele é um auxiliar precioso e deve ser conservado. Transporta medicamentos que salvam muitos enfermos, distribuindo esperança e saúde.

Se este jumento, a pretexto de ser rude e imperfeito se negasse a cooperar contigo, que seria dos enfermos a esperarem confiantes em ti? Volta à missão luminosa que abandonaste, e, se te não é possível, por agora, servir a Nosso Pai Supremo na condição de um homem purificado, atende aos teus deveres, espalhando reconforto e bom ânimo, na posição do animal valioso e útil. Nas bênçãos do serviço, serás mais facilmente encontrado pelos mensageiros de Deus, os quais, reconhecendo-te a boa vontade nas realizações do amor, se compadecerão de ti, amparando-te a natureza e aprimorando-a, tanto quanto domesticas e valorizas o teu rústico, mas prestimoso auxiliar!”

Nesse instante, o pregador viu-se novamente no corpo, acordado, e agora feliz em razão da resposta do Alto, que lhe reajustaria a conduta equivocada.

O trabalho no bem é o incentivo santo da perfeição. Através dele, a alma de um criminoso pode emergir para o Céu, à maneira de lírio que desabrocha para a Luz, de raízes ainda presas ao charco.”

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho S/o Espiritismo*, 125 ed.

FEB 2006, cap. XXIV, item 12;
2 – XAVIER, Francisco Cândido. *Jesus no Lar*. 28 ed. Rio de Janeiro): 2001, cap. 41.

ROGÉRIO COELHO
(Muriaé – MG – Brasil)



QUANDO ME AMEI...

“Quando me amei de verdade, passei a saber qual era o meu objectivo e a afastar-me suavemente das distrações.” – KIN & ALISON MCMILLEN.

Não vale a pena negarmos : somos “rato de biblioteca” e em qualquer oportunidade que encontremos, lá estamos caídas num qualquer local, mexendo em livros, consultando, lendo, adquirindo, pesquisando... e, na nossa última ida ao Brasil, numa dessas “excursões” pelas livrarias, encontrámos um livrinho pequenino que folheámos e adquirimos: ‘Quando me amei de verdade’.

Este título fez-nos lembrar, de imediato, aquelas pessoas que não amam ninguém, porque não conseguem amar-se a si próprias! E, embora, por vezes, nos afirmem que tal deve ser quase

impossível, o caso é que elas existem, vivem, ombreiam connosco, mas não conseguem perceber o que se passa... nem com elas nem com ninguém!

Vêm uns e outros afastarem-se, sentem a solidão provocada pela falta de companhia e de amigos, lamentam-se, mas mantêm a mesma conduta que as isolam dos restantes, seja no dia a dia, seja durante as férias ou numa viagem que façam.

Se nos aproximarmos e tentarmos conversar, dão-nos poucas palavras, mas, ao mesmo tempo, fazendo-nos sentir que se sentem vítimas das situações: “os outros” é que são os culpados de estarem sós!

Na frase que escolhemos para abrimos este texto, o tema é o mesmo e é-o porque, muitas vezes, uns e outros penetram em determinados ambientes de que saem ao fim de um tempo maior ou menor, porque o ambiente não lhes agradou; afirmam para si próprias, já que não terão ninguém com quem falar a propósito, que ali não voltarão...e, passadas algumas semanas, senão dias, lá estão de novo, para de novo saírem, criticarem e voltarem a cair!

Isto é um exemplo simples do que se pode passar com aqueles que, desamados de si próprios, não procuram, entretanto, mudar a sua conduta nem aproximarem-se de uns e outros, criando companhias e ou amigos que lhes agradem e com elas afinizem. É como se passassem a vida de braços cruzados, à espera que alguém lhos descruze porque o esforço de o fazerem de *motum-próprio* é demasiado.

Ainda aqui, a Doutrina dos Espíritos é um ensinamento maravilhoso já que nos ensina que ninguém deve ser “uma ilha”, mas antes, tentar ser “um continente”. Estamos na Terra para nos

aperfeiçoarmos e, nos itens desse aperfeiçoamento consta, também, a “obrigatoriedade”, de assim podemos dizer, de procurarmos aproximar-nos uns dos outros, não só para aprendermos o que cada um terá para nos dar dos seus exemplos e/ou conduta, mas também e principalmente porque existe uma Lei divina, que vive connosco, permanente mente na nossa consciência e que, dentre muitas outras coisas, nos lembra que devemos amar o próximo como a si mesmo.

Aprender a amar-nos significará descobrir Deus em nós... e sabermos-nos uma partícula divina deve ser, - é-o com certeza - a nossa maior realização pessoal, porque tudo o resto é - será - apenas um acréscimo na conduta de cada um!

Então, para que tal aconteça, temos que começar por alguma coisa e essa será, sem dúvida, a de nos amarmos a nós mesmos.

É fácil, quando queremos ser felizes! Começando a analisar o que nos serve e o que nos incomoda, o que gostamos e o que não nos interessa, vamos pondo de parte as coisas que nada nos dizem; fazendo-o, começamos, sem nos apercebermos, talvez, a construir a nossa própria personalidade, o nosso ser... e firmes, cada um, na sua posição, deixará de haver a preocupação do que os outros possam pensar a nosso respeito; tendo a consciência de não estarmos a agir errado, seja em função do que sentimos e queremos, seja ainda (e principalmente na nossa opinião) em função das leis morais que regem a humanidade, todas elas baseadas na Moral Crística, seja em função do que nós próprios desejamos. Assim, seremos capazes de procurar as pessoas, com elas conviver e relacionarmo-nos, ainda que levemos o nosso tempo a fazer de umas e outras as nossas amigas.

Amemo-nos, então, a nós próprios e seremos capazes de amar o nosso próximo; quando assim fizermos, passaremos a compreender que o próximo do nosso próximo é nosso próximo também... e aperceber-nos-emos que já ampliámos tanto o nosso amor que ele passou a abranger a toda a humanidade!

MANUELA VASCONCELOS

AO SENHOR DA BOA PASSAGEM...

Lá dos tempos remotos do Passado,
Só Tu sabes dizer-me de onde vim.
Criador dos destinos, do meu fado,
Em Ti está o meu princípio e o meu fim.

Cada hora que chega na viagem,
Eu parto, porque há além novos espaços.
E Tu estás aqui p'ra que a passagem
Comece e acabe à sombra dos Teus braços.

Na Galileia, o que disseste outrora
É luz para todos nós ainda agora.
Sei bem que apenas Tu és o caminho.

Mas quando é nuvem negra o temporal,
Não vendo onde está o bem e onde está o mal,
À Tua guarda entrego o meu barquinho.

RODRIGO DA CUNHA (Padre)

(In: GAIA, MEU CORAÇÃO, ed. Oficinas Gráficas da Editorial Franciscana, Montariol, Braga, 1987).

MENSAGEM DE BEZERRA

(Nem tudo é mau na Internet, que muitas vezes faz que cheguem até aos seus navegadores palavras e imagens maravilhosas que nos acalentam e incentivam. Foi o que aconteceu com a Mensagem do Espírito Bezerra de Menezes, recebida em meados de Agosto de um amigo que nos quis agradecer... Partilhamos, assim, com todos os nossos leitores, as palavras do Espírito querido e Mentor da nossa Casa).

Cristãos Decididos

... Estamos sendo convocados pelos Espíritos nobres para sermos os lábios pelos quais a palavra de Jesus chegue aos corações empedernidos.

Estamos sendo convocados para sermos os braços do Mestre, que afaguem, que se alonguem na direcção dos mais aflitos, dos combalidos, dos enfraquecidos na luta.

Estamos colocados na postura do bom samaritano, a fim de podermos ser aquele que socorra o caído na estrada de Jericó da actualidade,

Nunca houve na história da sociedade terrena tantas conquistas de natureza intelectual e tecnológica!

Nunca houve tanta demonstração de humanismo, de solidariedade, tanta luta pelos direitos humanos!

É necessário, agora, que os cristãos decididos arregacem as mangas e ajam em nome de Jesus.

Em qualquer circunstância, que se interroguem: - em meu lugar, que faria Jesus?

E faça-o, conforme o amoroso Companheiro dos que não têm companheiros, o faria.

Filhos da Alma!

Estamos saturados de tecnologia de ponta, graças à qual as imagens viajam no mundo, quase com a velocidade do pensamento, e a dor galopa desesperada o dorso da humanidade em desalinho.

O Espiritismo veio como Consolador, para erradicar as causas das lágrimas.

Sois os herdeiros do Evangelho dos primeiros dias, vivenciando-o à última hora.

Estais convidados a impregnar o mundo com ternura, utilizando-vos da compaixão.

Periodicamente, neste Planeta de provas e expiações, as mentes em desalinho vitalizam microorganismos viróticos que dão lugar a pandemias destruidoras.

Recordemo-nos das pestes que assolaram o mundo: a peste negra, a peste bubónica, as gripes espanhola, a asiática e a deste momento de preocupações, porque as mentes dominadas pelo ódio, pelo ressentimento, geram factores propiciatórios à manifestação de pandemias desta e de outra natureza.

Só o amor, meus filhos, possui o antídoto para anular esses terríveis e devastadores acontecimentos, desses flagelos que fazem parte da necessidade da evolução.

Sede vós aquele que ama.

Sede vós, cada um de vós, aquele que instaura o Reino de Deus no coração e dilata-o em direcção da família, do lugar de trabalho, de toda a sociedade.

Não postergueis o dever de servir para amanhã, para mais tarde. Fazei o bem hoje, agora, onde quer que seja necessário.

As mães afro-descendentes, as mães de todas as raças, em um coro uníssono, sob o apoio da Mãe Santíssima, oram pela transformação da Terra em Mundo de Regeneração.

Sede-lhes filhos dóceis à sua voz, quão dócil foi o Crucificado Galileu que, ao despedir-se da Terra, elegeu a Mãe do

Evangelista do Amor por extensão, a Mãe Sublime da Humanidade.

Muita paz, meus filhos.

Que o Senhor de bênçãos nos abençoe.

O Servidor humilde e paternal de sempre,

BEZERRA

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco no Rio de Janeiro, no final da conferência pública em torno da maternidade e realizada no Grupo Espírita André Luiz na noite de 13 de Agosto de 2009).

*

OPORTUNIDADE

“Disse-lhes, pois, Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo está pronto.” - (JOÃO, 7 : 6).

O mau trabalhador está sempre queixoso. Quando não atribui sua falta aos instrumentos em mão, lamenta a chuva, não tolera o calor, amaldiçoa a geada e o vento.

Esse é um cego de aproveitamento difícil, porquanto somente enxerga o lado arestoso das situações.

O bom trabalhador, no entanto, compreende, antes de tudo, o sentido profundo da oportunidade que recebeu. Valoriza todos os

elementos colocados em seus caminhos, como respeita as possibilidades alheias. Não depende das estações. Planta com o mesmo entusiasmo as frutas do frio e do calor. É amigo da Natureza, aproveita-lhe as lições, tem bom ânimo, encontra na aspereza da sementeira e no júbilo da colheita igual contentamento.

Nesse sentido, a lição do Mestre reveste-se de maravilhosa significação. No torvelinho das incompreensões do mundo, não devemos aguardar o reino do Cristo como realização imediata, mas a oportunidade dos homens é permanente para a colaboração perfeita no Evangelho, a fim de edificá-lo.

Os cegos de espírito continuarão queixosos; no entanto, os que acordaram para Jesus sabem que a sua época de trabalho redentor está pronta, não passou nem está por vir. É o dia de hoje, é o ensejo bendito de servir, em nome do Senhor, aqui e agora...

EMMANUEL

(In: CAMINHO, VERDADE E VIDA, Psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo 73, ed. FEB).



NO ESFORÇO CONJUNTO, A VITÓRIA DE TODOS

Vigoroso exemplo de om senso nos deu o Cristo, ao compor o colégio apostólico. Detendo o poder absoluto e exercendo enorme fascínio sobre as multidões, poderia ter dispensado o concurso de seres falíveis na tarefa de expansão da Boa Nova, mas não o fez. Convocou auxiliares e organizou interesses, para preservar os imortais objectivos de sua passagem pelas intrafegáveis vielas do espírito humano.

O Movimento Espírita não pode destoar desta linha de princípios. Ou se organiza em bases sólidas e lúcidas ou perecerá no marasmo das improvisações.

Viverá de topadas, submerso nos constrangimentos gerados por um crescimento desordenado, se aqueles que o integram não se valerem da bênção da razão que se sustenta, obrigatoriamente, na Codificação Kardequiana.

Precisamos organizá-lo, educando o espírita para a vitória de todos, a fim de que a bandeira alvinitente da nossa Doutrina possa tremular, sinalizando o caminho da redenção planetária.

Sem esforço organizado, tudo acaba onde começa a derrota dos ideais mais santos.

Os mecanismos refluem, obstando a passagem da Luz.

Nas actividades terrestres, as empresas que produzem e mantêm o progresso, que felicita a vida, investem fabulosas somas na estruturação de seus propósitos, na antevisão do lucro amoedado.

Embora o nosso lucro seja tão somente de ordem espiritual, não podemos prescindir dessa mesma logística, que nos solicita investimentos no campo da humildade consciente e do trabalho constante, da nossa reforma íntima e da confraternização legítima, a fim de que não crepitem a fogueira mentirosa das vaidades, que tantos óbices criam ao avanço da Mensagem Consoladora.

Por isso, sempre é aconselhável que leiamos, tantas vezes quantas necessárias, a página “Obreiros do Senhor”, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XX.

Nela, o Espírito de Verdade, faz graves advertências aos que se encontram no Movimento em busca de poder e projecção, magoando seus semelhantes, esquecidos de que “Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente.”.

MUNDO ESPÍRITA

(In: página ‘Editorial’ do Jornal ‘Mundo Espírita’ da Federação Espírita do Paraná, Curitiba, de Agosto de 2009, de onde o transcrevemos com a devida vénia, dada a importância e similitude que nele encontramos com o Movimento Espírita Português).



CRIADOR

Quem foi o grande pintor
Que pintou o azul do céu,
A imensidão do mar
E de branco a espuma das ondas
Quando brincam de enrolar?

Quem esculpiu vales e montes,
Leitos onde correm os rios,
A foz onde vão desaguar?
E a água pura, e as fontes?

Quem pintou a primavera
Toda do verde da esperança,
O Maio repleto de flores,
O Verão em tons de fogo,
O Outono em múltiplas cores,
O Inverno com a brancura da neve?
Qual o pintor que se atreve
A pintar o arco-iris
Sem pincel, nenhuma tinta,
Qual o artista que pinta?
Quem será este pintor?
Músico, agricultor, arquitecto,
Escultor, escritor, enfim...
CRIADOR
Que criou o Universo
E que também me ajudou
A escrever os versos meus?
Foi o Pintor do Amor
E a quem eu chamo Deus!

IRENE LAMOLINAIRIE

(In: NA MESMA VIAGEM, poemas de I.L. e M^a Georgina Pontes).

PÁGINAS DO PASSADO

O valor de um país é proporcional ao valor moral e intelectual dos seres que o constroem e não segundo as convenções e conveniências sociais.

Toda a criança que nasce necessita de mentores, mas a maioria dos pais necessitam, igualmente, de quem os eduque. Um pai ou uma mãe dão a uma criança a educação que receberam ou que pela vida fora adquiriram. Se adquiriram uma educação deficiente, eivada de defeitos, como poderão dar aos seus filhos uma educação irrepreensível? E os filhos que não tiveram pais que os educassem, quem deveria contribuir para a formação do seu Espírito, para se tornarem úteis a si mesmo e à sociedade em que vivem?

Uma criança é um mundo cheio de incógnitas e o mundo que a recebe observa que elas diferem umas das outras. Jamais um ser humano é produto do meio em que vive, mas sim um ser que se adapta, tanto ao ambiente da Verdade como ao da mentira; tanto ao bem como ao mal, mas mais ao mal porque já traz em si as negatividades do Passado e vem precisamente ao mundo para uma regeneração, através de todos os sofrimentos, conforme o seu grau evolutivo.

Pode trazer em si o repúdio da mentira, mesmo que a mentira lhe seja ministrada através de uma falsa educação ou so meio ambiente em que vive. Outro tanto se dá quando a criança traz em si tendências de grandes negatividades, cujo ambiente em que vive se lhes torna igualmente hostil, mesmo que seja educada em ambiente de moral elevada, em internatos ou externatos apropriados aos que tenham recursos monetários.

É evidente que, numa sociedade onde se ministra a educação, de harmonia com os recursos que se possuam, tem que haver a escória dessa mesma sociedade, que não atingiu ainda nem

conhecimentos nem a moral das pessoas mais endinheiradas. No entanto, tanto uns como outros, ficam sujeitos às mesmas leis que, transgredidas por falta de educação e de conhecimento, os poderá lançar na marginalidade.

Por vezes, dá-se o contrário: são aqueles que tiveram melhores princípios, por uma educação reputada de superior, que virão a ser condenados pelas transgressões das leis humanas e das leis divinas...

Essas crianças serão os homens do futuro, virão certamente a tornarem-se julgadores daqueles que contribuíram para o seu nascimento e se não adaptaram, na vida, a um novo sistema de compreensão dos porquês das desigualdades, em tudo vê maldade, mentira e injustiça.

Não serão também eles, como filhos dos actos pecaminosos, que virão num futuro mais ou menos próximo a contribuir para que o mundo continue no mesmo caos, na mesma devassidão, onde predomina a loucura e o imperativo dos mais arrojados que a sociedade condena e os homens consentem?

De todo o mundo chegam até nós, como um desfiar de contas, as mais trágicas notícias de loucura e de tragédias, provando-nos que os homens não se entendem e não conseguem resolver os problemas em que vivem. Pensa-se em guerras, em armamentos, em mísseis teleguiados, em poderosos engenhos destruidores do género humano. Dá-nos a impressão que o orbe terráqueo está a ser ultrapassado por uma terrível onda de loucura. Loucos de todas as categorias sociais se aproveitam dessa onda para saciar seus apetites e suas ambições. Uns fazem vaticínios pelo desenrolar dos acontecimentos, não prevendo que o mundo caminha, a passos de gigante, para o maior de todos os cataclismos. Outros formam

planos maquiavélicos para melhor poderem atropelar os direitos das gentes. Um sem número de barbaridades se vão engendrando, no dia a dia, constituindo tudo isto uma verdadeira loucura de onde todos pretendem sair sem responsabilidades.

Neste conjunto de circunstâncias, que seremos todos nós, loucos ou criminosos quando pelos nossos espíritos perpassam pensamentos malévolos para com os nossos semelhantes?

Se a loucura nos desse para beneficiar a humanidade não poderíamos transformar o mundo num paraíso?

Os criminosos atacados de loucura são considerados irresponsáveis. Talvez, por isso, ninguém se salve da grande vaga de loucura que invade o mundo. Todos se querem tornar irresponsáveis mas, na verdade, a responsabilidade é colectiva.

Todo o crime tem responsabilidade, quer ele seja praticado ou sofrido por um louco quer seja por um clarividente. E essa responsabilidade, no geral, recai sempre naqueles que se julgam isentos dela. A consciência será sempre o melhor juiz. Ela despertará.

Se houvesse mais fraternidade, mais humildade e mais solidariedade haveria menos irresponsabilidade e menos crimes no mundo. Haveria menos revoltados e mais respeitadores dos direitos dos outros, porque todos somos cidadãos da mesma região, da mesma Pátria, do mesmo mundo que é a grande Pátria que acolhe todos os seres humanos.

As crianças necessitam de quem as eduque, não importando quem seja o pai, o padrasto ou o professor. Distribuem o seu amor

por todos os que lhes dão carinhos e dedicam-se a quem os educar e os saiba conduzir, com amor, à idade da compreensão.

Há pais que o não sabem ser e há indivíduos que, não tendo filhos, amam as criancinhas na sua candura, na sua beleza, na sua espontaneidade, na sua sinceridade e na sua beleza espiritual. Por isso Jesus as colocou como padrão entre os homens. Embora amigo do lar, dedicado à família, encaramos a palavra família num sentido mais lato da palavra, vendo na humanidade uma só família que, sujeita à grande Lei da evolução, terá necessariamente que submeter-se a leis conhecidas umas e outras ignoradas, do Grande Legislador que, como Pai amantíssimo, a todos distribui, por igual, o Seu Infinito Amor.

Nunca soubemos o que significa ser pai, mas tivemos a felicidade de não nos faltar um lar e uma família a quem nos dedicámos como qualquer criança. Mais tarde viríamos a compreender que a palavra família teria um sentido mais lato do que aquele que a sociedade reporta como família consanguínea. Toda a humanidade é constituída por uma só família e é, muitas vezes, fora da família consanguínea que se encontram as maiores amizades. Na verdade, a família, como célula da sociedade, deveria constituir ambiente de paz e de harmonia, mas é precisamente onde esses dois predicados não existem. Há pais que repudiam os filhos, e filhos que odeiam os próprios pais. Há irmãos que não se podem ver uns aos outros, etc.. Qual o motivo da existência destas anomalias? Será a falta do dever das pessoas que constituem o agregado familiar? E se na verdade essa falta existe pelo não cumprimento dos deveres de uns para com os outros, que motivos próximos ou ancestrais contribuem para que assim seja? E quando os familiares se dão bem porque é que existem os sentimentos negativos que tornam a família num

aglomerado de egoístas que nos faz pensar só em nós e nos nossos?

Deus escreve sempre direito por linhas sinuosas, portanto o facto de determinadas crianças serem sacrificadas com provas duras para a precocidade das suas idades é sempre um benefício, porque Deus sabe o que faz.

As coisas estão marcadas pelo próprio destino de cada um e nada se processa ao acaso.

EDUARDO FERNANDES DE MATOS

(Transcrito do livro de sua autoria “O que é o destino?...”, capítulo ‘Filhos sem Pais nos Destinos Humanos’).



O homem tem outro destino que não o dos animais; por que, pois, querer sempre identificá-los? Para ele, há outra coisa além das necessidades físicas: há a necessidade de progresso. Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liames sociais: eis porque eles constituem uma lei natural. Deus quis que os homens, assim, aprendessem a amar-se como irmãos. - (In: O LIVRO DOS ESPÍRITOS – resposta à Questão nº. 774 sobre os ‘Laços de Família).

